

*A MENINA
(NÃO)
FICA
EM CASA*

ISABEL SABINO

15 JUNHO — 30 SETEMBRO 2016





Este projeto de intervenção artística no Museu Militar, nas salas dedicadas à participação portuguesa na 1ª Grande Guerra, por ocasião do centenário desta, assume como perspectiva um olhar feminino.

Quando se percorre as salas deste museu surgem diferentes imagens da mulher: começando pelo retrato da jovem rainha D. Maria por Joaquim Rafael, há algumas figuras de mulheres associadas à história de Portugal, tais como a mulher de Egas Moniz com ele a entregar-se ao rei de Castela (por Malhoa), ou Inês de Castro (por Columbano).

Mas a maioria da figuração feminina neste museu é, de facto, da ordem do imaginário, um imaginário que, de certa forma, povoa o espírito guerreiro: alegorias da vitória, da fama e da glória ou dos lugares de conquista, guerreiras ou anjos protetores, mas também assombrações do terror, esposas, mães enlutadas e carpideiras, ou ainda deusas, ninfas e Nereides, aparições sensuais de amantes longínquas.

Na sombra destas, podem contudo supor-se também mulheres discretas, história invisível nos bastidores dos objetos necessários à guerra e à vida que continua: laborando uma arma, um agasalho, uma maca, um curativo ou uma oração, em especial no contexto da guerra de 14-18. Para além do museu, as histórias reais acumulam-se tanto como as suspeitadas, imaginadas, ou absurdas — como a acusação de espionagem hipotética a Sonia Delaunay, em abril de 1916, por as suas telas abstratas, a secar ao sol na casa da Rua dos Banhos de Vila do Conde, terem sido vistas por alguém como avisos em código aos submarinos alemães que passavam ao largo: no fundo, um outro tipo de participação na guerra que a certas mulheres se poderia imputar.

Seguindo à letra a designação corrente da Guerra 14-18 como “guerra das trincheiras”, e sob os exemplos inspiradores da Cruzada das Mulheres Portuguesas, de algumas mulheres das gerações de vanguarda feminista no nosso país e, em especial, das mulheres construtoras de trincheiras na frente do Rio Piave (Norte de Itália), este projeto toma como alegoria a construção de uma trincheira.

Assim, a invocação desse reduto bélico expressivo da ação dupla de defesa-e-ataque surge aqui corporizada por gestos ancestrais de labor e de potencial solidariedade feminina e pacifismo na especificidade das linguagens plásticas e pictóricas usadas (pequenas pinturas sobre tela e um objecto instalativo), num tempo em que as trincheiras reais são obsoletas e um outro tipo de guerra

menos visível — a de iníquas e recorrentes violências de género, frequentemente associadas ao terrorismo — parece estar de regresso e para ficar, a não ser que as próprias mulheres pensem e ajam mais decisivamente.

Isabel Sabino
abril de 2016



A Menina (não) fica em casa, 2016.
Acrílico sobre tela, dimensões várias
(pequeno formato).







Mulheres de Armas, 2016.
Acrílico sobre tela com medalha,
pequenos formatos



SALA DA GRANDE
GUERRA

MUSEU MILITAR
DE LISBOA



Miss Maria, 2016.



SALA DA GRANDE
GUERRA

MUSEU MILITAR
DE LISBOA